

EDITORIAL

É preciso avançar. Só a persistência leva ao avanço. Assim é que **Comunicarte** chega ao seu quinto número, avançando consubstanciada na persistência daqueles que buscam a essência da comunicação e da arte através da disseminação do pensamento.

Aqui, novamente, se reúnem trabalhos de estirpes diversas. São, por certo, alongamentos da vida de seus autores e que nós não hesitamos em entender como "supra oportuno" levar a todos os leitores da revista. Para que este novo número se tornasse realidade não tergiversamos diante das barreiras que, em princípio, nos pareciam intransponíveis. Persistimos. Rompemos-las. Avançamos.

E continuar acreditando é o que se espera daqueles que têm o dever de formar comunicólogos para, por fim e indiretamente, interferir no meio. Resgatar momentos, situações, história; passá-los adiante, interagir, fomentar a polêmica com vistas ao desenvolvimento, não é e não deve ser atividade momentânea, passageira. Deve, isto sim, ser um subverter constante do imobilismo; um cataclismo para os inoperantes que apenas esperam por acontecer. As mudanças, os homens as fazem.

Comunicarte continua viva e se reavivando, quando as forças pareciam esvair-se na persistência e pertinácia de uns poucos auxiliados e estimulados, é claro, pelos colaboradores. Temos assim uma nova oportunidade de encontrar reunidos pensamentos dos mais variados campos da comunicação e da arte. Duílio Battistoni Filho comenta, "com paixão", uma das figuras mais polêmicas e controvertidas da literatura política do século XVIII: Thomas Paine. Luiz Gonzaga Godoy Trigo envereda sobre o porquê da literatura **beat**, mesmo chegando com atraso de três décadas ao Brasil faz tanto sucesso. E outra vez, agora num combate franco, honesto e corajoso ao desinteresse do jovem pela leitura de jornais, Mário L. Erbolato vem contribuir com que viva e avance **Comunicarte** e a imprensa em geral, oferecendo um trabalho que, sem

dúvida alguma, pode ser considerado o lastro necessário para a imprensa brasileira utilizar como forma de "cair no agrado da juventude".

E como se não bastasse, mais e mais comunicólogos e educadores se imbuem da necessidade e importância de manter viva e forte a revista. Neste número se fazem presentes nomes como o de Cleusa G. Gimenes Cesca, com "Poder de Polícia e Interesse Social"; João Ribeiro Júnior, com "A pluralidade das Culturas e a Unificação da Humanidade"; J. B. Pinho, com "Elementos constitutivos do Anúncio de TV e Cinema"; e Sérgio Castanho, com "Theodor W. Adorno e a Indústria Cultural", todos do IAC-PUCCAMP, levando mais longe e mais alto da instituição, da revista e, mais que isso, colaborando sobremaneira para com a democratização da comunicação e da arte.

Além de inúmeros outros trabalhos, não menos importante dos aqui mencionados, **Comunicarte** traz neste número algumas modificações. Os artigos já não mais serão precedidos de resumo, como nos números anteriores, e o Conselho Editorial passa a ter nova estrutura. A exclusão dos resumos se prende exclusivamente aos novos conceitos editoriais que a revista passara a ser submetida. Já a alteração do Conselho se impôs diante do interesse daqueles que agora passam a integrá-lo, em colaborar para que **Comunicarte** continue viva, atuando, transformando, avançando.

O EDITOR